

***Entre o Mar
e a Memória:
A Coleção
Artística do
Nine Dots***

ARTISTAS E OBRAS
EM EXPOSIÇÃO PERMANENTE

NINEDOTSAZORES.COM

info@ninedotsazores.com • (+351) 296 242 579
Rua dos Mercadores, 76, 9500-092 Ponta Delgada



Acreditamos que a arte é uma das formas mais autênticas de preservar a memória de um lugar.

Entre o Atlântico e a memória coletiva, entre a tradição e o gesto contemporâneo, o NINE DOTS acolhe um conjunto de obras que celebram o talento das ilhas e as pessoas que nelas vivem, assim como a sua força criativa.

Reunimos artistas açorianos e de raízes açorianas cujos percursos se estendem muito além do Arquipélago, estando representados em museus e instituições culturais de referência, nacionais e internacionais.

Este é o nosso compromisso: Preservar, valorizar e partilhar a herança artística que molda a nossa história, dando-lhe novos lugares e novas leituras.

ÍNDICE • ARTISTAS

BRANCO, Catarina	4
CÂMARA, Victor	9
CANTO DA MAYA, Ernesto	14
CARREIRO, Carlos	20
CORREIA, Natália	27
DACOSTA, António	36
FILIPE, Rui	43
FRANÇA, Luís	47
PEREIRA, José Nuno da Câmara	52
PINTO, José Júlio de Sousa	57
REBÊLO, Domingos	63
RESENDES, Urbano	71
VIEIRA, Ana	78
VIEIRA, Tomaz Borba	85



BRANCO CATARINA

ARTES VISUAIS

*A delicadeza do papel transformada
em força poética e escultórica*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



CATARINA BRANCO

N. 1974

Catarina Branco nasceu em São Miguel em 1974.

É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2000). Em **1997** recebeu o Prémio de Pintura João Barata – Galeria Barata, em Lisboa e em **1999** recebeu o Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, em Sintra.

Vive e trabalha em Ponta Delgada, onde exerce também funções como docente no Ensino Secundário.

Catarina Branco é uma **artista plástica** que trabalha com papel recortado à mão, resgatando as tradições culturais e religiosas das ilhas dos Açores, cruzando-as com influências de culturas tão diversas como a africana ou a brasileira, numa linguagem contemporânea. A sua linguagem artística evolui através da **transformação do papel**: partindo da bidimensionalidade e, progressivamente, conferindo-lhe volume e cor, resultando em esculturas vibrantes.

As suas obras oferecem-nos uma sinergia entre o humano, o animal e a terra açoriana. Algumas são inspiradas nos tapetes florais realizados para as festividades religiosas. Outras fazem referência direta às técnicas tradicionais da cestaria, com obras geométricas e abstratas.



A artista joga com as cores destas formas planas para tatear uma segunda dimensão e utiliza elementos figurativos que, combinados com uma explosão de cores e formas volumosas, refletem a história de São Miguel, a sua geografia e ainda a sua natureza.

Tal como a própria descreve, a sua obra tem como «motor a memória, a geografia e as tradições e influências culturais da sua terra, como um reflexo da morfologia da paisagem e das cores das ilhas Açorianas».

Tem vindo a participar em feiras bienais e internacionais de arte contemporânea, sendo que as suas obras integram várias coleções públicas e privadas.

Entre as exposições individuais que realizou, destacam-se:

- *«Fenais da Luz» (2010), na Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea, Ponta Delgada;*
- *«Fez-se Luz» (2012), no Museu Carlos Machado, também em Ponta Delgada; e, em 2013, no Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, Rio Grande do Sul, Brasil.*

Em 2013, foi convidada pela Fundação Calouste Gulbenkian a desenvolver um trabalho específico para fazer parte do «Projeto Próximo Futuro». Durante o mesmo período, apresentou a instalação site-specific *Caligrafia*, na Sala Branca do Palácio do Marquês de Pombal, em Lisboa, espaço da associação cultural Carpe Diem Arte e Pesquisa.

No ano seguinte, participou com uma peça original na exposição bibliográfica *April 25, 1974 - Portugal's Carnation Revolution* na Universidade de Berkeley, Califórnia.

Foi também convidada pela curadora espanhola Mónica Careaga para participar na exposição coletiva *Girls Just Want to Have Fun*, na Galeria Astarté, Madrid. **Nesse mesmo ano**, voltou a apresentar a peça site-specific *Caligrafia*, agora integrada na exposição coletiva *Tempo Largo*, com curadoria de João Miguel Fernandes Jorge, no Museu Carlos Machado, Ponta Delgada. Inicia uma residência artística no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), na cidade do Recife, Brasil, que culminou com a exposição *É Preciso Ascender à Luz, nos Tempos da Delicadeza*, no MAMAM no Pátio.

Ainda em **2014**, participou numa residência artística de Cerâmica Contemporânea, em Alcobaça, numa exposição coletiva no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, e inaugurou em Lisboa a sua primeira exposição individual na galeria Belo-Galsterer.

Em **2015**, integrou a exposição coletiva de inauguração do Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, em São Miguel, e apresentou também o seu trabalho na Galeria Paços, em Torres Vedras. **No mesmo ano**, participou na exposição coletiva comemorativa do 15.º aniversário da Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea, entidade que a representa atualmente.

OBRA

EXPOSTA NO NINE DOTS
AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL



Catarina Branco
Dragoeiro, s.d.
Colagem · 180 x 130 x 14 cm

📍 Piso 0, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

[IR PARA ÍNDICE](#)

CÂMARA VICTOR

PINTURA E CARICATURA

*O mestre do traço que captou a essência
das figuras e das paisagens atlânticas*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



VICTOR CÂMARA

1921 - 1998

Caricaturista, retratista e pintor, nasceu em Ponta Delgada a 19 de Outubro de 1921. Frequentou o curso industrial, mas foi enquanto aluno de desenho de Domingos Rebelo e Viçoso May, que revelou a sua verdadeira vocação.

Aos 14 anos manifestou a sua veia artística numa exposição de caricaturas e aos 18 anos (1939), a sociedade Micaelense já o reconhecia como artista de capacidades invulgares. A sua pintura, figurativa, é essencialmente naturalista, com incursões pelo surrealismo - *Descobertas das Ilhas* e as suas obras são o retrato fiel das paisagens açorianas.

As suas obras foram apresentadas numa exposição promovida pelo próprio na Pensão Voga em agosto de 1947 e em outra no Teatro Municipal, em janeiro de 1948, esta última integrada no âmbito da exposição de produtos da Ilha de São Miguel, promovida pelo diretor da Sociedade Terra Nostra, dos Açores.

Em 1950, após uma exposição bem-sucedida realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde foi distinguido com medalhas na categoria da aguarela, fixou residência em Lisboa.

Em 1965, radicou-se em Paço d'Arcos onde continuou a pintar os Açores a par da paisagem marinha da costa de Cascais. Retratou figuras do antigo regime, como Salazar, e do atual, como Rebelo de Sousa, Cavaco Silva e sua mulher, entre outros.



Nos anos 80 e 90 do século XX fez algumas tentativas de fuga ao figurativismo, mas sem cair no abstracionismo, do qual resultaram grandes obras como os *Festões*, *Melancias Estouradas* ou as *Procissões*.

Teve obras expostas no Museu de Angra do Heroísmo e no de Ponta Delgada, tendo a Câmara Municipal de Ponta Delgada concedido-lhe o Diploma de Cidadão de Mérito. Expôs ainda, em 1983, na Galeria do Diário de Notícias, numa exposição que tinha como tema a cidade de Lisboa. Em 1989, a Câmara Municipal de Oeiras homenageou-o com uma Medalha de Mérito de Ouro.

Veio a falecer em Paço d'Arcos, em 1998.



Victor Câmara

Paisagem do Faial, s.d.

Óleo sobre platex · 79 x 200 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS
Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Retrato Feminino, 1989 • Pastel sobre papel, 67,5 x 50 cm • Piso 4

Paisagem do Faial, s.d. • Óleo sobre platex • 79 x 200 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Victor Câmara
1921 - 1998

IR PARA
ÍNDICE

CANTO DA MAYA ERNESTO

ESCULTURA

*A elegância da forma e o génio
da escultura que elevou os
Açores ao modernismo mundial*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



ERNESTO CANTO DA MAYA

1890 - 1981

Ernesto do Canto Faria e Maya nasceu em Ponta Delgada, a 15 de maio de 1890. O ambiente familiar culto e estimulante, bem como o desafogo financeiro, permitiram-lhe desde cedo enveredar por uma carreira dedicada às artes.

Terminou os seus estudos em 1911, na Escola de Belas-Artes de Lisboa - Curso Geral de Desenho e começou por realizar uma série de pequenas esculturas, assinando como Ernesto do Canto.

Em 1912, participou na *I Exposição dos Humoristas Portugueses*, ao lado de artistas como Almada Negreiros. Nesse mesmo ano partiu para Paris, onde foi aluno de Antonin Mercié, na Escola de Belas-Artes, e de Antoine Bourdelle, na Académie de la Grande Chaumière.

Em 1913, participou em Lisboa na *II Exposição de Humoristas Portugueses* e, em Paris, no *Salão de Humoristas* organizado pelo jornal «Le rire». Seguiu depois para Genebra, tendo sido aluno de James Vibert, um escultor ligado ao simbolismo e realizando pequenas esculturas em terracota e de gesso.

Em 1916, trabalhou com o escultor Julio Antonio (Antonio Rodríguez Hernández) em Madrid e, no ano seguinte, regressou a Ponta Delgada, com o eclodir da primeira guerra mundial.



Em **1920**, novamente em Paris, instalou-se em Boulogne-sur-Seine, onde residiu até 1938. Na década de 1920, verificou-se um crescente reconhecimento da sua obra no meio artístico francês, tendo realizado trabalhos em articulação com arquitetos como Mallet-Stevens, Paul Follot e Paul Andrieu. Participou na *Exposição Internacional das Artes Decorativas* (Paris, 1925), onde foi premiado, e na *Exposição Colonial de Paris* (1931).

Em **1935**, a sua grande composição escultórica *O Hino do Amor* (ou *Adão e Eva*), de grande carga expressiva e exemplo maior da escultura portuguesa da primeira metade do século XX, foi adquirida pelo Governo francês, para a Galeria Nacional do Jeu de Paume.

Em **1937**, participou no pavilhão português da *Exposition Internationale Arts et Techniques dans la Vie moderne* (Exposição Universal de Paris) onde lhe foi atribuído o Grande Prémio de Escultura. Nesta nova fase parisiense gerou-se a linguagem escultórica que o distingue – a estilização dos volumes, o uso da terracota e a evocação de memórias de natureza intimista, bem como grandes temas, veiculados por um universo feminino. Conseguiu conciliar lugares, aparentemente tão diferentes e distantes, como São Miguel e Paris, que para si eram complementares: dos Açores, os afetos/vivência juvenil, e Paris, centro artístico mundial, lugar de todas as experiências e afirmações.

Participou no pavilhão português da *Feira Mundial de Nova Iorque* de **1939-1940** com o baixo-relevo *A Família em Portugal*, bem recebida pela crítica internacional. Em **1940**, participou na *Exposição do Mundo Português* com obras de grande impacto, nomeadamente o grupo escultórico D. Manuel I com Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.



Ernesto Canto da Maya

Sem título, s.d. • Escultura em bronze de rosto masculino sobre base de ferro redonda, Assinada, 36 cm

📍 Coleção NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



Regressou definitivamente aos Açores em 1953, fixando-se em Ponta Delgada, a sua cidade natal. Culminou a sua obra com a *Estátua de Gonçalo Vaz Botelho*, encomenda do Visconde do Botelho, que realizou para Vila Franca do Campo em 1954 e que é, segundo José-Augusto França, «a obra-prima da última fase do escultor e uma das raras obras maiores da estatuária oficial da época».

Fechou-se, assim, o círculo de vida de um dos artistas açorianos de maior projeção e o mais internacional escultor português da primeira metade do século XX.

Em 1976, realizou-se uma exposição retrospectiva em sua honra no Museu Carlos Machado em Ponta Delgada, que lhe reservou, a partir de 1979, uma sala de exposição permanente.

Faleceu em Ponta Delgada a 5 de abril de 1981.

Em 1990, o Instituto Português do Património Cultural, em colaboração com a Secretaria Regional dos Assuntos Culturais do Governo Regional dos Açores e o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, organizou uma exposição retrospectiva do escultor na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, comissariada por Paulo Henriques. A cidade de Ponta Delgada dedicou-lhe uma das suas artérias, onde tinha a sua residência e estúdio, tal como Lisboa, que atribuiu o topónimo *Rua Canto da Maya* a uma artéria da freguesia de Campolide. É também patrono de uma das principais escolas de Ponta Delgada, a Escola Básica Integrada Canto da Maia.

Canto da Maya está representado em diversas coleções públicas e particulares, destacando-se:

- *Museu Municipal de Boulogne-Billancourt, Paris;*
- *Museu do Chiado, Lisboa;*
- *Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;*
- *Museu Machado de Castro, Coimbra;*
- *Museu Carlos Machado, Ponta Delgada;*
- *Museu da Marinha, Lisboa.*

ESCULTURAS

**NO ACERVO DO NINE DOTS AZOREAN ART
BOUTIQUE HOTEL, PARA SEREM EXPOSTAS**

Nossa Senhora com o Menino, s.d. • Escultura em faiança de Bologne, 32 cm

Sem título, s.d. • Escultura em bronze de rosto masculino sobre base de ferro redonda, Assinada, 36 cm

Nossa Senhora com o Menino Jesus, s.d. • Escultura em barro, 32 cm

Ernesto Canto da Maya
1890 - 1981

**IR PARA
ÍNDICE**

CARREIRO CARLOS

PINTURA

*O mestre das cores e ironias
que reinventou a pop açoriana*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



CARLOS CARREIRO

N. 1945

Carlos de Amaral Carreiro nasceu em **Ponta Delgada, São Miguel, Açores**, em 1946. Em **1972** concluiu o curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Em **1976**, formou o «Grupo Puzzle», com João Dixo, Albuquerque Mendes, Graça Morais, Pedro Rocha, Jaime Silva, Dário Alves, Fernando Pinto Coelho e Armando de Azevedo, o qual se apresentou publicamente no *XXVII Salão da Jovem Pintura* em Paris, na *Exposição de Arte Portuguesa* no Brasil e na de Arte Portuguesa, na Suécia.

Na perspetiva da artista plástica Paula Parente Pinto, o Grupo Puzzle surge como reflexo das diferentes relações entre as «convenções coletivas e as consciências individuais que a instabilidade política do seu tempo transformava, o nome do grupo foi simultaneamente metáfora formal e estratégia performativa. Desenhava-se nas redefinições dos limites da consciência política e das formas de expressão artística, atuando no equilíbrio instável entre o interesse individual e o coletivo».

O Grupo dissolveu-se no **início dos anos 80**, quando a arte e a política se voltaram a separar. «O Puzzle surgiu como crítica a uma utopia massificadora da coletivização, evidenciando o direito à consciência individual em liberdade; mas paradoxalmente, a sua dissolução foi um sintoma da perda de sentido do trabalho coletivo e da função social e política da arte».



Carlos Carreiro

Sem título, 1990

Desenho a caneta sobre papel • 24,5 x 34 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos,
NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



Em **1977** iniciou a atividade docente na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) e, no **início dos anos noventa**, a sua pintura foi tema de uma exposição itinerante – *Vinte e cinco anos de pintura, 1967/92*, organizada pela Direção Regional dos Assuntos Culturais do Governo da Região Autónoma dos Açores, a qual percorreu muitas cidades portuguesas.

Ao todo, participou em **mais de 300 exposições coletivas**, em Portugal e no estrangeiro.

A sua pintura é inconfundível devido ao seu estilo próprio, num imaginário onde imperam a **fantasia, o humor e o comentário**, num verdadeiro jogo de luz e conceitos. O próprio admite que gosta de brincar com o consumismo, através da crítica social.

Carlos Carreiro tem recebido diversos prémios e distinções. Em **1996**, no concurso do Banco Barclays, em Lisboa («Montras Barclays»), obteve uma menção honrosa. Alcançou, também, o Prémio Nacional de Pintura da «II Bienal de Arte AIP'96» organizada pela Cooperativa Árvore, no Porto; em **1997** venceu o Prémio Art-Car da BMW/Baviera e, a 10 de Junho de 2006, foi agraciado com a Ordem do Mérito pela Presidência da República.

Além de pintar, editou serigrafias, concebeu imagens gráficas para o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; foi comissário, juntamente com Carlos Barreira, da Exposição ESBAP/FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) *215 Anos de Belas Artes no Porto*.

A singular obra narrativa de Carlos Carreiro integra o acervo de vários museus, coleções particulares e instituições como a Assembleia Regional dos Açores, na cidade da Horta, para onde produziu um painel de pintura e desenhou o projeto dos tapetes da Sala do Plenário.



Em síntese, o trabalho que Carlos Carreiro tem desenvolvido na área da pintura, da ilustração literária e do design gráfico reúne **representação e narração**, recorrendo a processos exímios de figuração; retoma itens do Surrealismo, da «Pop Art», da banda desenhada e aspetos kitsch (visto por muitos como uma estética divertida e autêntica, que cria combinações únicas e ousadas por meio de cores vibrantes e elementos de humor). Situações quotidianas, episódios históricos, mitológicos, e todo o tipo de cenas misturam-se numa obra plena de humor e vitalidade.





Carlos Carreiro

Sem título, 1986

Acrílico sobre tela, 80 x 110 cm

📍 Piso 3, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

O Rei de Entre-rios, 1985 • Óleo sobre tela, 110 x 90 cm • Piso 4

Sem título, 1992 • Técnica mista sobre papel, 63 x 45,5 cm • Piso 4

Gente das Descobertas, 1985 • Serigrafia colorida sobre papel,
Edição n.º 62/130, 50 x 35 cm • Piso 4

A propósito do casamento, 1979 • Acrílico sobre tela, 79,5 x 90 • Piso 3

Sem título, 1986 • Acrílico sobre tela, 80 x 110 cm • Piso 3

Gente Suspensa, 1986 • Serigrafia sobre papel, Edição n.º 68/125,
35 x 50 cm • Piso 3

Sem título, 1990 • Desenho a caneta sobre papel, 24,5 x 34 cm • Acervo
privado dos quartos

O Infante, s.d. • Serigrafia sobre papel 112/125, 37,5 x 53,5 cm • Acervo
privado dos quartos

CORREIA NATÁLIA

LITERATURA

Escritora e voz livre da literatura portuguesa, que uniu ousadia, crítica social e poesia intemporal

Os nomes e histórias por trás do acervo artístico do Nine Dots



NATÁLIA CORREIA

1923 - 1993

Nascida na Fajã de Baixo da Ilha de São Miguel, nos Açores, a 13 de setembro de 1923, Natália de Oliveira Correia, estabeleceu-se em Lisboa com a mãe e a irmã aos onze anos.

Foi poeta, romancista, dramaturga, ensaísta, tradutora, editora, jornalista, argumentista, deputada, figura incontornável da segunda metade do século XX português. É quase impossível isolar as diferentes facetas em que Natália Correia se destacou, porque todas tinham a mesma raiz: a mulher de causas, notável pela coragem cívica, pela lucidez interveniente, pelo sarcasmo, pela frontalidade, e por um profundo e constante sentido estético e ético. Mulher de paixões, casou quatro vezes ao longo dos seus 70 anos.

Entendendo que «todos temos uma missão», Natália incluía-se no «número dos que atribuem à poesia uma enorme responsabilidade: a de transformar o mundo». Igual perspetiva tinha da política: «A política, uma certa política, nem sempre é incompatível com a poesia, se esta está empenhada em transformar a vida. (...) O caso é que há que transformar a nossa sociedade se nos queremos salvar».

A carreira literária de Natália Correia começou com a primeira narrativa infantil – *Grandes Aventuras de um Pequeno Herói* (1946) –, seguida do romance *Anoiteceu no Bairro*. Também em 1946, publicou no jornal Portugal, Madeira e Açores o seu primeiro poema, *Manhã Cinzenta*.



Depois do primeiro livro de poemas, *Rio de Nuvens* (1947), seguiram-se dentro do mesmo género literário, várias publicações: *Poemas* (1955), *Dimensão encontrada* (1957), *Passaporte* (1958), *Comunicação* (1959), *Cântico do País Emerso* (1961), *O Vinho e a Lira* (1966), *Mátria* (1968), *As Maças de Orestes* (1970), *A Mosca Iluminada* (1972), *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), *Poemas a Rebate* (1975), *Epístola aos lamitas* (1978), *O Dilúvio e a Pomba* (1979), *O Armistício* (1985), *Os Sonetos Românticos* (1990) e a sua antologia poética, em dois volumes, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (1993).

A obra ficcional é retomada em 1968, com o romance *A Madona*, a que se seguem *A Ilha de Circe* (1983), *As Núpcias* (1992), e o livro de contos *Onde está o Menino Jesus?* (1987).

Para teatro, escreveu a peça, não publicada, *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* (1952), seguindo-se *O Progresso de Édipo* (1957), *D. João e Julieta* (de 1959, apenas editada em 1999), *O Homúnculo* (1965), *O Encoberto* (1969), *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (1981) e *A Pécora* (escrita em 1967, só editada em 1983).

Na vertente ensaística, publicou *Poesia de Arte e Realismo Poético* (1959), *A Questão Académica de 1907* (em plena Crise Académica de 1962), *Uma Estátua para Herodes* (1974) e *Somos Todos Hispanos* (1988).

Num registo mais autobiográfico, editou em 1951 *Descobri que era europeia: impressões de uma viagem à América* e, como testemunho do primeiro ano de Democracia, *Não percas a rosa: diário e algo mais* (25 de Abril de 1974 – 20 de dezembro de 1975), publicado em 1978.

Outra vertente decisiva em Natália Correia foi a de divulgadora cultural, tendo sido responsável por um importante conjunto de antologias.



A primeira delas foi a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade* (em novembro de 1965), onde assume a autoria do prefácio, a seleção e anotação dos textos, numa edição com chancela da editora Afrodite, de Fernando Ribeiro de Melo, com ilustrações de Cruzeiro Seixas.

A alegada imoralidade do livro não passou no crivo da censura, que em dezembro de 1965 determina a sua «proibição rigorosa» pelo «carácter pornográfico» dos textos e a «falta de escrúpulos» na sua seleção. Sob acusação de «abuso de liberdade de imprensa», Natália viria a integrar, em 1969, o conjunto de «presumíveis delinquentes» levados a julgamento por envolvimento na obra, e que incluía os escritores antologados Mário Cesariny de Vasconcelos, Luiz Pacheco, José Carlos Ary dos Santos e E. M. de Melo e Castro, e o editor Fernando Ribeiro de Melo. Após 3 dias de julgamento, à porta fechada, saía condenada a 90 dias de prisão, com pena suspensa.

A *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* não seria a sua única obra proibida pelo regime. Aliás, Natália Correia foi a **escritora portuguesa com mais obras censuradas durante a ditadura**: ao caso apresentado, juntam-se os livros de poemas *Comunicação* (1959) e *O Vinho e a Lira* (1966), e as peças de teatro *O Homúnculo* (1965), *A Pécora* (1967) e *O Encoberto* (1969). Também envolvo em polémica viria a estar o livro *Novas Cartas Portuguesas* – de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, visadas no mediático processo d'As Três Marias –, editado em abril de 1972 pela Estúdios Cor, da qual Natália Correia era, então, diretora literária.

Sem igual polémica, seguiram-se as antologias *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (1973), *A Mulher, antologia poética* (1973), *Antologia de Poesia do Período Barroco* (1982) e *A Ilha de Sam Nunca* (1982).



Natália Correia

O Vinho e a Lira, 1966

1.ª Edição, Edição de Fernando Ribeiro de Mello

📍 Coleção NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

o vinho e a lira
Natália Correia



Referenciada desde cedo, pela PIDE, como «elemento adversário das Instituições» e «elemento de destaque junto das oposições», a **resistência antifascista** de Natália Correia expressava-se também fora da literatura: em **1945** adere ao MUD – Movimento de Unidade Democrática, e apoia as candidaturas de Norton de Matos (**1949**) e Humberto Delgado (**1958**) à Presidência da República.

Após o 25 de Abril de 1974, Natália assumiu a participação política com novos contornos, cedendo, como descreveu num seu diário, à «inferioridade» de se ligar a um partido. Integrou as listas do PSD por Lisboa, conseguindo a sua eleição como deputada na I e na II Legislatura (**1979-1980; 1980-1983**). Foi novamente eleita deputada na V Legislatura (**1987-1991**), então já nas listas do PRD, como independente.

Mesmo nas bancadas da oposição, era reconhecido o traço distintivo que Natália trazia para dentro do hemiciclo:



Quando ela entrava sabia-se que algo de novo, de bem informado, de poético, de transgressor, de desafiante, de culturalmente superior ia acontecer

Mário Tomé, deputado da UDP

O seu invulgar talento oratório expressou-se também em tertúlias artísticas no bar Botequim, que fundou em **1971** com Isabel Meireles, Júlia Marenha e Helena Roseta, e onde se reunia grande parte da intelectualidade portuguesa. Amiga de António Sérgio (esteve associada ao Movimento da Filosofia Portuguesa), Cruzeiro Seixas, David Mourão-Ferreira, Mário Soares, Urbano Tavares Rodrigues, José-Augusto França, Manuel de Lima, Luiz Pacheco, Mário Cesariny, Almada Negreiros, Eugénio de Andrade, Ary dos Santos, Fernanda de Castro... – e muitos escritores estrangeiros – Henry Miller, Henri Michaux, Graham Green, Ionesco...



Foi ainda diretora das publicações *Século-Hoje* e *Vida Mundial*, e consultora para os Assuntos Culturais Internos da Secretaria de Estado da Cultura (1977), tutelada por David Mourão-Ferreira. Em 1992, liderou a criação da Frente Nacional para a Defesa da Cultura, acompanhada, entre outros, por José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues e Manuel da Fonseca.

Natália Correia foi uma escritora, cuja **originalidade e versatilidade** não podem ser compartimentadas em qualquer escola literária. Nos seus diferentes períodos literários, procurou inspiração, mas não deixou de introduzir nos poemas um singular talento e uma peculiar expressão poética.

Natália Correia foi uma dessas individualidades, que se adiantam ao tempo em que vivem para anunciar e antecipar, novas expressões culturais. Reencontrou os grandes mitos portugueses, e toda a sua criatividade lhes estava dirigida: reformulando-os, dedicou obras próprias a cada um desses mitos, símbolos e arquétipos, conferindo-lhes uma dimensão de futuro, de liberdade, de natalidade, de portugalidade sentida.

Natália Correia recebeu, em 1991, o **Grande Prémio de Poesia** da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*. No mesmo ano, foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade; era já detentora da Ordem de Santiago.

Faleceu em Lisboa, em 16 de Março de 1993.



O seu espólio literário, constante de muitos volumes éditos, inéditos, documentos biográficos, iconografia e correspondência, foi inventariado sob orientação da sua grande amiga Helena Roseta e está a ser tratado por uma equipa de especialistas da Biblioteca Nacional de Lisboa para depois ser partilhado entre a Biblioteca Nacional e o Governo Regional dos Açores, conforme as disposições testamentárias de Natália Correia e de Dórdio Guimarães (com quem estabeleceu uma longa amizade e veio a casar em 1990).

Os volumes constantes das suas bibliotecas ficaram integralmente na posse do Governo Regional dos Açores, onde estão a ser catalogados pela Biblioteca de Ponta Delgada.

OBRAS

NO ACERVO DO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

O Encoberto • 1.ª Edição. Galeria Panorama, Lisboa, 1969

Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica • 1.ª Edição.
Composto e Impresso na Tipografia Vale Formoso, Lisboa

A Madona • 1.ª Edição. Lisboa Presença, 1968

Uma Estátua para Herodes • 1.ª edição. Editora Arcádia, 1974

O Surrealismo na Poesia Portuguesa • Editora Coleção Estudos
e Documentos, 1973 • Organização, Prefácio e Notas de Natália Correia

Onde Está o Menino Jesus? • 1.ª Edição. Edições Rolim, Lisboa, 1987

Descobri que era Europeia • 1.ª Edição. Portugália, Lisboa, 1951

O Vinho e a Lira • 1ª Edição. Edição de Fernando Ribeiro de Mello,
1966

Anoiteceu no Bairro

Rio de Nuvens • 1.ª edição

Grandes aventuras de um pequeno herói • 1.ª Edição do primeiro livro
editado pela autora • Dedicatória dos editores, na folha de rosto.
Conserva uma pagela de propaganda, colada na folha de rosto.

O anjo do ocidente à entrada do ferro • Encadernação editorial em
tela gravada, com sobrecapa de protecção monocromática

A Mulher

4 primeiras edições • 4 Volumes

Erros meus, má fortuna, amor ardente • 1.ª Edição. Profusamente
ilustrado por Angêlo de Sousa, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas,
Francisco Relógio, Júlio Resende e Lima de Freitas.

Natália Correia
1923 - 1993

IR PARA
ÍNDICE

DACOSTA ANTÓNIO

PINTURA & POESIA

*Entre o surrealismo e a modernidade,
uma voz inquieta da arte portuguesa*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



ANTÓNIO DACOSTA

1910 - 1990

António Dacosta, natural de Angra do Heroísmo, nasceu em novembro de 1910. Desde muito cedo começou a pintar a óleo sobre pequenas tábuas (datadas de 1928) preparadas pelo seu pai, inspiradas na Ilha Terceira, nos Açores. Em 1934, efetuou retratos que pareceram exercícios de preparação para vir a estudar no ano seguinte, na escola de Belas-Artes, em Lisboa.

De férias em Angra do Heroísmo, em 1937, pintou o *Retrato de Maduro Dias* (de quem já fizera um retrato a carvão), o maior a óleo que realizou até então. É o primeiro quadro conhecido em que assina como «Dacosta».

Em 1939 concebeu o primeiro quadro de clara marcação surrealista (*Diálogo*) e, em 1942, obteve o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso na 7ª *Exposição de Arte Moderna* do SPN (dezembro) com o quadro *A Festa*.

Em 1943, através da amizade com António Tinoco, amigo da frequência d'A Brasileira do Chiado e proprietário do Diário Popular, foi convidado a colaborar como crítico de arte para este diário vespertino. Embora nesse mesmo ano tenha iniciado uma atividade regular de escrita, só retomou a poesia nos últimos anos da sua vida.

Partiu para Paris em 1947, como bolseiro do Governo francês, onde acabou por se instalar definitivamente. Já nesse ano foi reconhecido como um dos mais marcantes pintores portugueses.



António Dacosta

Sem título, 1983

Serigrafia sobre papel, Edição 39/130

70 x 48,5 cm

📍 Piso 1, NINE DOTS Azorean Art
Boutique Hotel



Em **1964** regressou aos Açores pela primeira vez desde 1947 e desenhou alguns retratos de amigos e familiares. Em **1966** efetuou uma nova viagem a Angra do Heroísmo (Açores), onde retratou várias figuras próximas, entre elas Vitorino Nemésio (V.N. – *Vinho Novo*), por ocasião das comemorações dos 50 anos de vida literária do escritor.

Em **1968**, foi representado, com dimensão histórica e no estrangeiro, na grande apresentação de arte portuguesa em Paris: *Art Portugais. Peinture et Sculpture du Naturalisme à nos Jours*, no Centre Culturel Portugais, em exibição entre 30 de janeiro e 25 de fevereiro de 1968.

Em **1978**, viajou até Londres com Júlio Pomar para visitar a exposição *Portuguese Art since 1910* na Royal Academy of Arts, organizada por Helmut Wohl, na qual os seus quadros foram expostos, pela primeira vez, **fora de Portugal e França**.

Recebeu o Prémio Nacional de Artes Plásticas no ano de **1984**, atribuído pela secção portuguesa da AICA. **Nesse mesmo ano**, foi publicada a primeira monografia sobre o artista, da autoria de Rui Mário Gonçalves, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. E ainda, António Dacosta e Mário Cesariny foram filmados em longa conversa para a RTP, gravações que permanecem inéditas até hoje.

Surgiu a exposição individual na Biblioteca de Angra do Heroísmo, no âmbito da homenagem da *II Bienal de Arte dos Açores e Atlântico* em **1987**. Foi a primeira retrospectiva a ligar os **dois grandes tempos produtivos deste artista**, as décadas de 1940 e 80, preparando a grande retrospectiva realizada no ano seguinte, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Fundação de Serralves.

No final desse ano, foi-lhe entregue por Joaquim de Vasconcelos, Presidente do Município de Angra do Heroísmo, o diploma de cidadão honorário de Angra, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.



Em 1990, ano da sua morte, deixou vários projetos de escultura e instalação inacabados:

- *Altar-escultura «Em Louvor de», pensado para Angra do Heroísmo;*
- *Instalação «Tau ou Os Porcos do Retábulo de Issenheim»;*
- *Uma instalação-exposição sobre os Açores, que chegou a apresentar à Fundação Calouste Gulbenkian, sob o título «Arquipélago» (do qual, infelizmente, não existe qualquer estudo ou documentação);*
- *Uma exposição intitulada «Comunidade – Homenagem a Soror Mariana»;*
- *A encomenda de arte pública para a estação de metro do Cais de Sodré, de que deixou algumas pastas com estudos, acabando por ser concluída em 1998 por Pedro Morais, com base na adaptação dos estudos de António Dacosta.*

Mesmo após a sua morte, sucederam-se várias exposições, nomeadamente a *Exposição António Dacosta – Scène Ouverte*, em 2007, no Centre Culturel Calouste Gulbenkian, em Paris, comissariada por José Luís Porfírio. Uma das primeiras exposições antológicas alargadas, não cronológica, e um primeiro ensaio para a exposição no Centro de Arte Moderna (atual Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna), no âmbito das comemorações dos 100 anos do nascimento de António Dacosta.

A sua pintura «surrealista, de raiz expressionista e dramática, que exprime a nostalgia dos lugares de infância vivida nos Açores», mesmo tendo estado muitos anos em Paris, apresenta três tipos de apropriação: política, religiosa e sentimental. António Dacosta chegou a afirmar ter «uma filosofia, uma forma de viver. Tirar partido do funcionamento do prazer que eu possa descobrir na própria arte».





António Dacosta

Ofélia Ofélia, s.d. • Serigrafia 32/180

63 x 48,5 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos,
NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Sem título, 1983 • Serigrafia sobre papel, 70 x 48,5 cm • Piso 1

Sem título, s.d. • Aguarela e colagem sobre papel, 75 x 56 cm • Piso 1

Sem título, s.d. • Técnica mista sobre papel, 31 x 24 cm • Piso 1

Sem título, s.d. • Serigrafia Prova de Artista 12/15, 26 x 27 cm • Piso 1

Ofélia Ofélia, s.d. • Serigrafia 32/180, 63 x 48,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Homenagem à pintora Vieira da Silva, 26 de Janeiro 1953, Lisboa • Técnica mista sobre papel, 49 x 34 cm • Menu do jantar com técnica mista de Dacosta, autografado por alguns dos presentes: Vieira da Silva, Almada, Amália, entre outros • Piso -1

FILIPE RUI

PINTURA

*A serenidade e o lirismo de uma pintura
que busca o absoluto no silêncio*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



RUI FILIPE

1928 - 1997

Rui Filipe nasceu na **Beira, Moçambique**, a 3 de junho de 1928. Foi na terra natal que despertou para as artes e iniciou os estudos artísticos, com o mestre Frederico Ayres, expondo individualmente pela primeira vez em **1944**, em Lourenço Marques.

Em **1946**, vem para Portugal e estuda em Lisboa, onde foi discípulo de **Domingos Rebelo**, e no Porto, onde foi aluno de Dordio Gomes. **Entre 1948 e 1959** viajou por toda a Europa, enriquecendo a sua formação. Neste período, foi discípulo de Daniel Vasquez Diaz (**Madrid, 1948–1951**), experiência que marcou a sua pintura numa apreensão profunda e forte da paisagem. Frequentou a Academia de la Grande Chaumière (**Paris, 1953–1955**) e o curso de Escultura, na Slade School of Fine Arts (**Londres, 1958–1959**), tendo tido como mestre Reginald Butler e como colega João Cutileiro.

Após a década de **1950**, participou em diversas exposições individuais e coletivas em Moçambique, Portugal, Madrid e Bruxelas, tendo recebido vários prémios, destacando-se o *Salão da Jovem Pintura* (Galeria de Março, **1953**, prémio Jovem Pintura); a *Exposição de Homenagem a Vasquez Diaz* (Madrid, **1954**); o *I Salão dos Artistas de Hoje* (Lisboa, **1956**).

Participou na *Exposição Universal e Internacional de Bruxelas* de **1958**, tendo sido premiado com medalha de bronze pela obra Casas de Albufeira. Em **1960**, foi distinguido com o Prémio Silva Porto e em **1993** com o prémio Paisagem da Sociedade Nacional de Belas-Artes.



Entre 1962 e 1982, trabalhou no departamento gráfico de algumas agências de publicidade de Lisboa, atividade que conciliou com a sua produção artística.

A partir da década de 1980, dedicou-se exclusivamente à pintura, participando em numerosos certames artísticos.

O seu trabalho é profundamente intimista, com forte dimensão lírica. As paisagens que cria são serenas, concebidas num cromatismo que tira partido da dicotomia claro-escuro. As figuras que representa, modeladas de modo quase escultórico e tratadas pictoricamente com uma materialidade própria, apresentam a mesma serenidade inquietante. O silêncio, a nostalgia, e a “desolação tranquila” são o principal mote da sua obra, criando uma forte relação com o neorrealismo.

Faleceu em Lisboa a 8 de maio de 1997.

O Museu do Neo-Realismo organizou em 2020 a Exposição *Rui Filipe: em busca do absoluto*, que esteve patente entre fevereiro e outubro e teve curadoria de Paula Loura Batista. A exposição partiu de um conjunto de obras pictóricas e estudos inéditos que se encontram no Museu, associados ao vasto espólio artístico (predominantemente documental) sobre a vida e percurso de Rui Filipe e cuja doação foi realizada pelos herdeiros do artista em 2019.

O projeto expositivo centrou-se na obra de Rui Filipe, que se inscreve numa cultura visual neorrealista, com uma profunda preocupação humanista, e que se verifica ao longo de toda a sua produção artística. Um percurso de **mais de 50 anos de criação artística** resultante das diversas áreas geográficas pelas quais o pintor percorreu.



OBRA

EXPOSTA NO NINE DOTS
AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL



Rui Filipe

Retrato de jovem, 1944

Óleo sobre tela · 47 x 38 cm

📍 Piso 4, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

[IR PARA ÍNDICE](#)

FRANÇA LUÍS

ARTES VISUAIS

*A geometria e a sensibilidade de quem
desenha o espaço e a memória*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



LUÍS FRANÇA

N. 1953

Luís França Machado nasceu em Ponta Delgada, em 1953, e entrou para a Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 1972.

Em 1973, começou a expor em galerias e concursos em Portugal e Espanha. Expôs repetidamente na prestigiada Galeria Altamira, em Lisboa. Participou várias vezes no *Fórum de Arte Contemporânea* e a sua obra viajou até ao Japão, onde foi apresentada no Museu de Saitama, e também até Milão.

Em 1978, concluiu a licenciatura em Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e, no período de 1982 a 1992, exerceu funções como professor de artes visuais no ensino oficial e na escola AR.CO, nos departamentos de Pintura e Desenho.

As suas obras integram as coleções do Centro Cultural da Caloura, Museu Carlos Machado, Museu da Horta, Museu de Angra do Heroísmo, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, EDA - Eletricidade dos Açores, coleção Manuel de Brito, Caixa Vigo, Montepio e Universidade dos Açores. Foi corresponsável, juntamente com o pintor Tomaz Borba Vieira, pela seleção de artistas e pela elaboração dos textos do vídeo «Artistas Açorianos», editado pela Direção Regional de Educação. Foi ainda Comissário de duas exposições de Tomaz Borba Vieira, no Museu Carlos Machado.



Além disso, tem colaborado com desenhos e textos literários em publicações, participa com artigos de opinião e crítica de arte em jornais dos Açores e escreveu textos em vários catálogos de artistas açorianos e continentais. São da sua autoria os monumentos ao ator João Augusto Soares Brandão, na Ribeira Grande (1983), e ao poeta Armando Côrtes-Rodrigues, em Ponta Delgada (1997), e uma escultura para a Escola Secundária Domingos Rebelo (1996). Assinou também os guiões dos videogramas *Canto da Maya – Na Génese do Modernismo* e *Domingos Rebêlo – Um pintor para os Açores*.

A pintura de Luís França é «inteiramente informal, gestual, de mancha ampla e intenção lírica». É na utilização de formas e manchas em espaços indeterminados, bem como a conjugação das diferentes cores, que as suas obras alcançam verdadeira beleza.



Frequentemente, compõe trípticos que, na verdade, constituem uma única grande pintura, cujas divisões contribuem para o toque muralista que, em última análise, caracteriza a obra deste interessantíssimo artista português

Catálogo Coletivo Museus

Em 2024, foi inaugurada a exposição, *Escultura e Pintura* na Lagoa, em São Miguel, na qual Luís França expõe em conjunto com o seu irmão José Maria França Machado, sendo esta a mais recente exposição dos irmãos artistas açorianos. As peças apresentadas integram coleções públicas e privadas e referem-se ao período entre 1973 e 2008.

Atualmente, vive e mantém um atelier na zona de Sintra, continuando a desenvolver o seu ofício.





Luís França

Sem título, 1988

Óleo sobre tela, 73,5 x 66 cm

📍 Piso 2, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Sem título, 1988 · Óleo sobre tela, 73,5 x 66 cm · Piso 2

Sem título, 1988 · Óleo sobre tela, 143 x 102 cm · Piso 2

Sem título, s.d. · Óleo sobre tela, 60 x 50 cm · Parte da coleção
exposta nos Quartos

PEREIRA JOSÉ NUNO DA CÂMARA

ARTES VISUAIS

*A experimentação constante e a visão
de vanguarda na arte contemporânea*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA

1937 - 2018

José Nuno da Câmara Pereira nasceu a 1 de abril de 1937, na Ilha de Santa Maria, Açores. Todos o conheciam e o tratavam por José Nuno, embora o nome com que assinava os seus trabalhos, José Nuno da Câmara Pereira, já evocasse a sua origem açoriana e que tão bem transparecia na sua obra. Licenciou-se em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1966.

Foi docente na Escola Técnica de Alcobaça (1961-1966), na Escola António Arroio (1966-1971), no IADE (1969-1974) e no Ar.Co (1973-1979), Lisboa, e na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1987-1989).

Realizou ainda trabalhos como artista gráfico e publicitário e foi diretor artístico do Círculo de Leitores entre 1974 e 1985.

Expôs individualmente inúmeras vezes a partir de 1974 – Galeria Ottolini em Lisboa, 1974; Museu Carlos Machado em Ponta Delgada, 1977; Galeria António Prates em Lisboa, 2006; entre outros.

Em 1984 foi Premiado na exposição *O Futuro é já hoje?*, pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e no I Bienal dos Açores e Atlântico recebeu uma Menção Honrosa da SREC.



Em **1986**, obteve o 1.º Prémio na *III Exposição de Artes Plásticas* da Fundação Calouste Gulbenkian – Prémio de Instalações/Objetos | AICA-PHILAE pela Sociedade Nacional de Belas Artes, e, em **1987**, o Prémio SEAT, tendo sido considerado artista do ano em **1986** (prémios atribuídos às figuras que se destacaram, em Portugal, nas diferentes áreas de intervenção).

No ano de **1988** frequentou o Center for Advanced Visual Studies do M.I.T. – Massachusetts Institute of Technology, com a bolsa recebida pela Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana.

Dedicou-se a diferentes disciplinas, como **pintura, escultura e instalação**, fazendo parte do seu portefólio vários trabalhos de arte pública e intervenção em espaços arquitetónicos, como exemplo, as paredes do altar-mor da Igreja Matriz de Almada, a convite do arquiteto Nuno Teotónio Pereira.

Em **1994** regressou aos Açores, a Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, tendo desenvolvido uma série de projetos de intervenção pública. Em **1996** promoveu um *Simpósio Internacional Multimédia* que levou ao Faial 25 artistas de todo o mundo, entre os quais a açoriana Ana Vieira, amiga e com quem partilhava memórias de infância.

Em **2000** recebeu o Prémio Domingos Rebelo pela Direção Regional da Cultura dos Açores e a 3 de setembro de **2001**, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Em **2006** expôs individualmente na Galeria António Prates em Lisboa. Denominada *Ultraperiferia*, a exposição patenteava uma vez mais «a sua capacidade para experimentar novos materiais e novas abordagens ao caos sensível».



Em 2010 foi-lhe atribuída a Insígnia Autonómica de Reconhecimento pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Em 2016 foi organizada uma grande exposição retrospectiva da sua obra no Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas na Ribeira Grande, ilha de São Miguel, Açores, que integrou uma extensa seleção de trabalhos das diversas fases da sua obra, tendo recebido o título de *Um Sísifo feliz*.

José Nuno faleceu a 14 de Janeiro de 2018.

Foi um artista difícil de classificar:



Os seus trabalhos em torno da instabilidade da matéria, onde a pintura continuamente nascia e morria, na sua impermanência radical, buscavam, e encontravam, uma raiz, um nascimento contínuo para uma pintura diferentemente outra no espetáculo, ao mesmo tempo real e imaginário, do seu fazer-se e desfazer-se a si mesma.

A ligação à natureza, à terra, bem como os elementos, a água e o fogo, sempre presentes, evocavam uma constante ligação ao seu arquipélago natal. «Soube sempre captar a efervescência de um mundo ainda e sempre em devir (...)» tendo sido considerado como o «pintor da origem da matéria», segundo Luísa Soares de Oliveira.



OBRA

EXPOSTA NO NINE DOTS
AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL



José Nuno da Câmara Pereira

Sem título, 1985

Técnica mista sobre chapa metálica, 131 x 89 cm

📍 Piso 1, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

IR PARA
ÍNDICE

PINTO JOSÉ JÚLIO DE SOUSA

PINTURA

*O olhar naturalista que conquistou
o mundo com a luz e a alma
das gentes*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



JOSÉ JÚLIO DE SOUSA PINTO

1856 - 1939

José Júlio de Sousa Pinto nasceu em Angra do Heroísmo, na açoriana Ilha Terceira, a 15 de setembro de 1856. Filho do Dr. Lino António de Souza Pinto, natural de Valongo, e de D. Ana de Sousa Loureiro.

A sua infância foi passada nos Açores e a adolescência no continente, mais especificamente na cidade do Porto, onde teve o seu primeiro contacto com a pintura.

Em **1870**, matriculou-se na Academia Portuense de Belas Artes, onde foi aluno de João António Correia, Thaddeo d'Almeida Furtado e Soares dos Reis. Sobressaiu como estudante brilhante, sendo reconhecido com várias distinções. Em **1880**, dois anos após concluir o curso de Pintura, partiu para Paris como bolseiro do Estado, na categoria de Pintura de História, acompanhado de Henrique Pousão (1859-1884).

Neste período de formação complementar, recebeu aulas dos mestres Adolphe Yvon (**1817-1893**) e Alexandre Cabanel (**1823-1889**), na Escola de Belas Artes de Paris, e participou nos Salons parisienses, nos quais obteve uma Menção Honrosa (**1885**), tendo chegado a integrar o seu júri em **1900**.



Fixou-se em **França** após os estudos, continuando, no entanto, a visitar Portugal com periodicidade, para expor as suas obras, nomeadamente na Sociedade Nacional de Belas Artes, no Grémio Artístico, na Sociedade Promotora de Belas Artes, na Academia Portuense de Belas Artes, na Santa Casa da Misericórdia do Porto, no Ateneu Comercial do Porto e no Salão Silva Porto.

Frequentou o atelier de Cabanel, Yvon e Bouguereau na École des Beaux-Arts, onde desenvolveu um academismo marcado pela influência de Bastien-Lepage e Jules Breton. O contacto com a estética do realismo de Millet e de Courbet traduz-se nos temas rurais da Bretanha, de gosto *salonard*, e, com os impressionistas, na forma como trabalha os efeitos luminosos e atmosféricos.

Sousa Pinto tornou-se **um dos melhores intérpretes da Bretanha** ao captar as mais belas cenas campestres e à beira-mar, registando a vida quotidiana, os costumes e os dramas das gentes. Explorou de forma triste e sombria a atmosfera dramática da vida dos pescadores, mas de modo afável e intimista a representação das crianças como personagens principais. Durante as estadias em Portugal, realizou obras expressivamente luminosas, sobre temas «pitorescos» e rústicos.

Alcançando distinções nos *Saloons* e as melhores apreciações no círculo artístico francês, a sua obra está representada em vários museus franceses, como no Museu de Orsay (foi **o primeiro artista português** a ter uma obra incluída na sua coleção), no Museu Monte Carlo, no Museu de Amiens e no Museu de Nice. Em Portugal, está presente no Museu Nacional de Soares dos Reis e no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, no Museu de Grão Vasco, em Viseu, na Casa-Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia, e no Museu do Chiado, em Lisboa. No **final do século XIX**, a sua fama não conhecia fronteiras, e as suas obras foram adquiridas por grandes museus franceses, nos Estados Unidos, no Brasil e na Austrália.



José Júlio de Sousa Pinto

Paisagem com medas, 1889

Óleo sobre madeira, Dedicatória no verso, 26,5 x 33,5 cm

📍 Piso 2, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



Na *Exposição Internacional de Nice*, em **1884**, conquistou uma medalha de ouro; na *Exposição Universal de Paris* de **1889** obteve uma 2ª medalha; na *Exposição do Rio de Janeiro*, em **1895**, foi distinguido com a medalha de Prata; e, em **1896**, recebeu o Diploma de Honra na *Exposição de Rennes* e a medalha de ouro em Atlanta.

Em **1920**, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, atribuído pelo governo português, e, a 1 de abril de **1932**, com o grau de Comendador da Ordem Militar de Cristo.

Este pintor português, ligado à primeira geração naturalista, viria a falecer em Pont-Scorff, na Bretanha, a 14 de abril de **1939**.

A Câmara Municipal de Lisboa presta homenagem ao pintor que, embora tenha vivido a maior parte da sua vida em França, manteve sempre na alma e na expressão dos seus pincéis o sentimento e as paisagens de Portugal. Assim, **desde 2015**, o seu nome está consagrado na toponímia da cidade, através da *Rua Sousa Pinto*, inaugurada em maio de 2017 na Urbanização Nova Amoreiras.

OBRAS

EM EXPOSIÇÃO NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Lavandière, s.d. • Desenho a pastel, 30,5 x 21 cm • Piso 4

Paisagem com medas, 1889 • Óleo sobre madeira, Dedicatória no verso, 26,5 x 33,5 cm • Piso 2

Rua de Aldeia, s.d. • Óleo sobre tela, 25 x 33 cm • Piso 2

José Júlio de Sousa Pinto
1856 - 1939

IR PARA
ÍNDICE

REBÊLO DOMINGOS

PINTURA

*O pintor que eternizou a devoção,
a fé e a humanidade de um povo*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



DOMINGOS REBÊLO

1891 - 1975

Domingos Rebêlo, natural de São Miguel, nasceu em dezembro de 1891. Desde tenra idade, «mexer em pincéis, contemplar quadros e ouvir falar sobre pintura foi sempre, o seu maior prazer (...)», bem como desenhar em papelinhos durante as aulas de instrução primária.

Em 1905, com 13 anos, expôs os primeiros trabalhos na vitrine do estabelecimento de António Eduardo Silva (atual Louvre Micaelense). Recebeu as primeiras lições de desenho e pintura pela mão do professor Artur Viçoso May (1869-1936). O seu trabalho impressionou os Condes de Albuquerque, que se ofereceram para financiar os seus estudos artísticos, e em 1907 seguiu para Paris, onde prosseguiu a formação artística a nível superior.

Na capital francesa, contactou com mestres de renome que lecionavam na Académie Julian, na Académie Colarossi e na Académie de la Grande-Chaumière.

Em 1911 participou na exposição *Arte Livre*, que assinalou a sua estreia na cena artística nacional, ao lado de outros estudantes portugueses residentes em Paris, nomeadamente Francisco Smith (1881-1961), Emmérico Nunes (1888-1968), entre outros.

De volta à origem, em 1913, Domingos Rebêlo dedicou-se arduamente à pintura, expondo com regularidade, não só em São Miguel, como em Portugal continental e além-fronteiras – no Rio de Janeiro, em 1920, e nos Estados Unidos da América, em 1922 e 1939.



Entre 1913 e 1942, conquistou prestígio no mercado artístico açoriano pelo facto de as suas obras privilegiarem «temas de cunho local como, a paisagem de São Miguel, folclore, festividades e costumes populares, tão do agrado do gosto estético instalado no meio micaelense». Durante esse período, a sua atividade artística estendeu-se ainda à fotografia, às artes gráficas, à caricatura e à cenografia.

A produção do pintor micaelense, na vertente das **artes gráficas**, é visível na ilustração de várias obras literárias de Armando Côrtes-Rodrigues; nas ilustrações para capas de *O velho do Restelo* (1927) de Oliveira San-Bento; *Cancioneiro de Viana do Castelo* (1928) de Afonso Paço; entre muitos outros.

No que concerne à sua colaboração com as **artes do palco**, foi possível identificar a produção de cinco cenografias entre a década de 1920 e os dez anos seguintes.

Em paralelo a esta atividade artística, Domingos Rebêlo lecionou desenho na Escola do Magistério Primário, no Liceu de Ponta Delgada e na Escola de Desenho Industrial, onde assumiu o cargo de diretor **entre 1940 e 1942**.

Em 1943, instalou-se em Lisboa, onde, até à data da sua morte em 1975, recebeu um volume de encomendas «de obras decorativas de grande envergadura, de temática histórica, hagiográfica e religiosa». Entre os trabalhos de maior destaque estão os quatros painéis a fresco do Salão Nobre da Assembleia da República (1944-1945), as pinturas a fresco da capela-mor da Igreja de São João de Deus (1952) e a pintura a fresco destinada ao Palácio de Justiça de Angra Do Heroísmo.



Domingos Rebêlo
Sem título, s.d.
180 x 180 cm

📍 Piso 2, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

Em plena vida, foi agraciado com a comenda de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada em 1928 e, em 1957, com o grau de Oficial da Ordem da Instrução Pública. Arrecadou ainda inúmeros prémios, desde 1914 até 1956, incluindo a medalha de ouro na *XXII Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa*; o Prémio Silva Porto em 1940; o Prémio Roque Gameiro em 1949, a par com as medalhas de honra conferidas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1951, 1952 e 1956.

No ano em curso, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, nos Açores, assinala o 50.º aniversário da morte de **Domingos Rebêlo** com uma exposição que celebra a vida e a obra do pintor açoriano.

Para o presidente do município, Pedro Nascimento Cabral, «é uma honra e um dever» promover a exposição *A Figura Humana em Domingos Rebêlo (1891-1975)*, patente no Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada.

«Uma honra, porque dá a conhecer fases marcantes da vida do pintor. Um dever, porque com esta iniciativa torna acessível aos olhos de todos os cidadãos, locais e estrangeiros, um verdadeiro **património humano e artístico** que deve ser preservado, exaltado e divulgado», afirmou o autarca, citado em comunicado de imprensa.

”

Ao lembrar Domingos Maria Xavier Rebêlo, (...) tornamos, ainda mais relevante o seu percurso, o seu talento e a sua vida, chamando a atenção para um dos vultos da história contemporânea de Ponta Delgada, que se inscreve ao lado de nomes marcantes de âmbito nacional, como o de Antero de Quental e de Natália Correia.

Pedro Nascimento Cabral
Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada



A exposição aborda «dois momentos distintos do percurso artístico de Domingos Rebêlo, dos Estudos do Nu, desenhados a carvão, em Paris, no início do século XX, aos Retratos, marcados por uma expressiva maturidade artística, onde o pintor agradece e imortaliza os rostos de mecenas, familiares, amigos e figuras do quotidiano da sua terra natal».



Domingos Rebêlo

Sexta-feira Santa, 1942

Óleo sobre tela

📍 Coleção do NINE DOTS
Azorean Art Boutique
Hotel, em depósito no
Museu Carlos Machado,
Ponta Delgada, integrada
na exposição *Cântico de
Cor | A Espiritualidade
em Domingos Rebêlo*

Pedro Nascimento Cabral, salienta ainda que, «com esta exposição, atingimos vários objetivos de **valorização da arte** e, claro, de um dos seus mais recentes e talentosos protagonistas. Desta forma, contribuímos numa dimensão mais ampla, para o conhecimento da nossa realidade nos seus mais diversos domínios, desde o paisagístico ao retrato, desde os acontecimentos sociais aos religiosos, partilhando com quem teve e tem oportunidade de emanar o seu olhar sobre os quadros do Domingos Rebêlo, toda a nossa vivência e identidade».

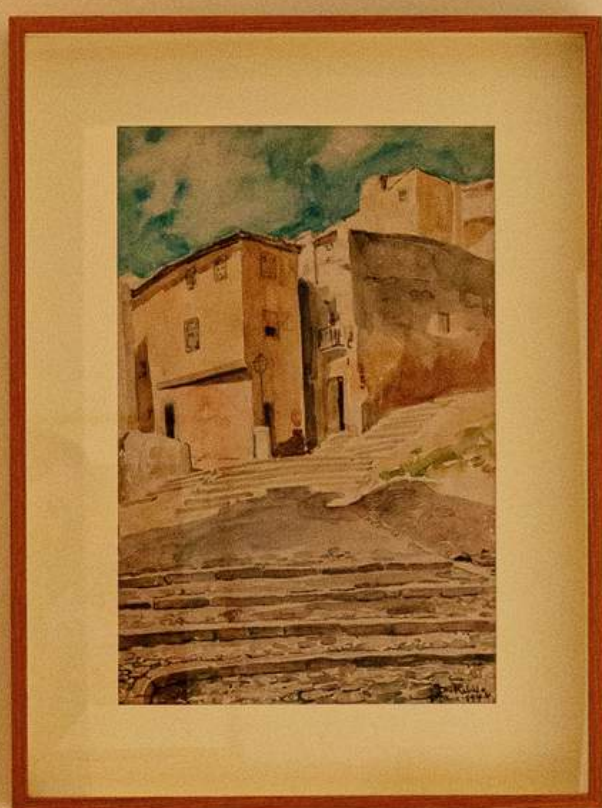


Domingos Rebêlo

Casario em Lisboa, 1944

Aquarela sobre papel, com Dedicatória · 52 x 34 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS
Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Casario em Lisboa, 1945 • Aguarela sobre papel, com Dedicatória, 47,5 x 33,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Retrato de Matilde do Canto, 1937 • Desenho a carvão sobre papel, 55 x 46,5 cm • Piso 4

Sem título, s.d. • 180 x 180 cm • Piso 2

Casario em Lisboa, 1944 • Aguarela sobre papel, com Dedicatória, 52 x 34 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Figura feminina, 1945 • Pastel sobre papel, 43 x 59,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Retrato Masculino, 1945 • Técnica mista sobre papel, 47 x 37 cm • Piso 4

Procissão Religiosa, s.d. • Óleo sobre tela colada em platex, 38 x 31,5 cm • Piso 2

Retrato de António Soeiro, s.d. • Desenho em técnica mista sobre papel, 55 x 45,5 cm • Piso 4

Piazza della Signoria - Florença, 1950 • Grafite sobre papel, 45 x 34 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Vista de Siena a partir da Basílica de São Domingos, s.d. • Grafite, sanguínea e sépia sobre papel, 45 x 34 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Castelo Sant'Angelo, 1950 - Roma • Grafite e sanguínea sobre papel, 32,5 x 44 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, s.d. • Técnica mista sobre platex, 54,5 x 71 cm • Piso 2

Sem título, s.d. • Estudo Aguarela sobre papel, 69 x 49 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

RESENDES URBANO

PINTURA

*A força da terra e o simbolismo abstrato
numa expressão única de açorianidade*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



URBANO RESENDES

N. 1959

Urbano Resendes nasceu em 1959 na ilha de São Miguel, Açores.

”

Desde sempre me lembro de desenhar, o que é certamente normal à maioria das crianças, no meu caso o que aconteceu foi que nunca deixei de o fazer e com o tempo, naturalmente e sem me dar conta, a pintura foi ocupando um espaço cada vez maior em mim [sic]

Urbano Resendes
Entrevista com Vítor Teves

O convívio com amigos que partilham os mesmos interesses levou-o a participar na organização de exposições, experiência que lhe permitiu compreender a arte numa outra dimensão.

Em **1983**, realizou a sua primeira exposição individual, no Museu Carlos Machado. Em **1995** ingressou na Slade School of Fine Art, em Londres, com o objetivo de estudar gravura com Bartolomeu Cid dos Santos e Bruce McLean, onde permaneceu durante dois anos. Desde **1997**, vive e trabalha em Lisboa e nos Açores, mantendo, até à data, uma ligação contínua à Galeria 111 nas feiras de Arte de Lisboa (*Arte Lisboa*) e de Madrid (*ARCO*).



Participou em **mais de 70 exposições coletivas** em Portugal e no estrangeiro com pintura e gravura. Marcou presença na exposição *ArtemLagoa*, exibição coletiva de artistas açorianos organizada pela Câmara Municipal de Lagoa, aquando da inauguração da Casa da Cultura Carlos César.

Em julho de **2000**, inaugurou a Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea, em Ponta Delgada, com a sua exposição individual *Os Primeiros Frutos*. **Até 2012, realizou 40 exposições individuais.**

Está representado em diversas coleções públicas e privadas, no país e no estrangeiro, tendo, ainda, editado vários livros sobre a sua obra. No campo da **poesia**, tem desenvolvido um trabalho vasto em colaboração com Emanuel Jorge Botelho e, de forma mais pontual, com João Miguel Fernandes Jorge.

Recentemente, apresentou na Galeria Fonseca Macedo uma série de trabalhos com o título *Tempus Edax Rerum*, («o tempo devorador de todas as coisas»), tendo como motivo simples naturezas mortas, sobretudo flores, representadas em diferentes momentos, com especial atenção à sua decadência. Uma exposição que reflete sobre a importância da natureza e do Tempo. No texto introdutório, poderia ler-se: «As flores já murcharam e levei-as todas de volta ao jardim. Repousam na terra e são fertilizantes para as plantas. Devagarinho e em silêncio novas flores irão surgir».

Urbano, o «herdeiro» da pintura de António Dacosta, é, ao mesmo tempo, o renovador da pintura de paisagem da natureza dos Açores. Uma paisagem onde o sagrado e o silêncio se misturam com o intemporal, e esse com o isolamento e beleza das ilhas.



Urbano Resendes

Árvore, 1997

Técnica mista sobre papel, 23 x 15,5 cm

📍 Piso 3, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

A sua pintura foi-se «centrando nas origens e no sentido da nossa existência» como explica em entrevista com Vítor Teves. A **infância** passada nos «Banhos das Alcaçarias ou Piscina de S. Pedro, no extremo nascente da Avenida Infante D. Henrique, em Ponta Delgada», bem como o facto de ter nascido e vivido numa ilha, de origem e atividade vulcânicas, proporcionaram-lhe um contacto com o mar e o fogo «ao alcance dos sentidos».

Cada uma das suas obras nasce de **ideias maturadas** até à sua concretização, podendo demorar «vários anos mesmo, cada uma delas é sempre parte de mim, com tudo o que vi e vivi (e o que isso significa), antes e depois daquele primeiro momento».

As suas **temáticas de eleição** incluem a paisagem e os animais, motivos intemporais e universais. Procura criar obras que sejam fortes e complexas, mas simultaneamente frágeis e simples.

O uso recorrente do branco como cor dominante exprime a sua procura apenas pelo **essencial**: «(...) acabo por ir limpando até chegar a quase nada ou apenas ao que me parece essencial daí que acaba por ficar limpo. É isso, branco é limpo».

Entre os seus **trabalhos de maior relevo**, está a decoração da capela do Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada.

”

É um retábulo em pedra gravada e fala sobretudo da luz e do nascimento. Tive a preocupação que fosse/seja uma obra aberta e que todos, independentemente da religião que professem, ou mesmo que não professem nenhuma, ao estarem na capela sintam paz e esperança [sic]

Urbano Resendes
Sobre a decoração da capela do Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada





Urbano Resendes

Sem título, 2002 · Técnica mista sobre papel, 43,5 x 31 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Figura feminina, 1996 • Gravura sobre papel, numerada 2/40,
23,5 x 18 cm • Piso 3

Sem título, 1997 • Técnica mista sobre papel, 43 x 30 cm • Piso 3

Árvore, 1997 • Técnica mista sobre papel, 23 x 15,5 cm • Piso 3

Mesa, 1989 • Óleo sobre tela • Piso 3

De Florbela Espanca, 1996 • Gravura sobre papel, numerada 6/40,
22,5 x 18,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 2002 • Técnica mista sobre papel, 43,5 x 31 cm • Parte
da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1989 • Óleo sobre tela, 65 x 54 cm • Piso 3

Retábulos, 2014 • Técnica mista sobre madeira, numerada 25,
110 x 55 cm • Piso 3

VIEIRA ANA

ARTES VISUAIS

*A pioneira que desafiou as molduras
para nos fazer habitar a própria arte*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



ANA VIEIRA

1940 - 2016

Ana Vieira, apesar de ter nascido em Coimbra, passou a sua infância na ilha de São Miguel, nos Açores. Formou-se em Pintura, na Escola Superior de Belas-Artes (1964), mas desde cedo que o seu percurso foi marcado por um desvio da «tradicional» pintura, procurando construções cénicas e teatrais, expressando-se através da manipulação de figuras e objetos, criando «simulacros» metafóricos. A artista viveu e trabalhou em Lisboa e foi considerada uma das artistas mais influentes da arte portuguesa do século XX, pioneira nas práticas artísticas, marcada pelas suas construções cénicas e teatrais.

Ana Vieira afirmou-se nos anos 60, destacando-se pela junção e exploração das várias disciplinas artísticas, criando um trabalho original e inspirador, em que o teatro, a pintura, a escultura, a fotografia, o som, o ambiente e a instalação se cruzam.

Começou a expor muito cedo e na sua primeira obra individual, *Imagens Ausentes* (1968), deixava já claro que continuaria a trabalhar no domínio da imagem – embora de modo necessariamente experimental. Ainda na década de 60, apresentou perfis e recortes de objetos e figuras ilusórias. Embora reconhecíveis, apenas delineavam formas vazias por dentro – concebendo «simulacros» intencionais daquilo que dão a ver. Escolhia objetos de uso doméstico, mobiliário (mesas, móveis, cadeiras, espelhos) em madeira recortada, e depois pintada.





Ana Vieira

Sem título, 1973
Serigrafia sobre papel 190/200, 33 x 38 cm

Sem título, s.d.
Serigrafia Prova de Artista VI/XX, 31 x 44,5 cm

📍 Piso 0, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel

Quatro décadas de trabalho unidas por uma invulgar coerência, em que Ana Vieira procurou libertar imagens e objetos da sua própria existência material e mundana. As suas figuras eram desprovidas de identidade (quer através de silhuetas, recortes de bustos humanos, ou ainda no perfil de corpos inteiros em movimento).

A partir dos anos 70, a recriação pós-pictural de objectos comuns levou Ana Vieira a adoptar pela instalação como prática artística preferencial e a delimitar o território do seu trabalho na semiótica dos espaços físicos e sociais. A concepção de cenários surgiu como possibilidade de uma obra aberta, com a qual a artista transgrediu as divisões entre pintura e escultura e concebeu as criações em função do espaço envolvente, com o qual comunicavam.

Quando mostrou os seus *Ambientes*, em 1971 e 1972, Ana Vieira ganhou lugar destacado na vanguarda artística portuguesa, participando na exposição mais marcante da década, a *Alternativa Zero (1977)*. Com estas instalações, constituídas como lugares habitáveis que reencenavam as casas e os seus rituais domésticos, os simulacros de Ana Vieira ganharam escalas e significados mais vastos, focando-se na intimidade e na memória que os espaços privados preservam.

Apesar da **simplicidade formal** das obras de Ana Vieira (lembrando as sombras de Lourdes Castro ou os espelhos de Pistoletto) a percepção visual dos espaços é, no entanto, condicionada por um jogo de transparências, véus, telas, redes e tramas que os envolvem – o observador tenta perceber o interior dos ambientes por frinchas e buracos. A maior parte das suas obras não se vêem, espreitam-se, e a tensão é ademais reconhecida no título do seu projecto mais duradouro, *Ocultação / Desocultação (1978-2009)*. A impenetrabilidade física e visual dos seus espaços privados repete intencionalmente a barreira entre a arte e a vida, confirmando que os seus ambientes são tanto acerca do ver como do viver.



O apelo da **cenografia** conduziu Ana Vieira a outras experiências mais diversificadas, como a produção de **cenários e figurinos para o teatro** (peças de Adolfo Gutkin, Bertolt Brecht e Jean-Paul Sartre), projetos de reconfiguração de lugares, casas e paisagens, ou pensados numa relação específica com o espaço do museu.

A modalidade artística da instalação e a manipulação de objetos tridimensionais foi cultivada na sua obra, com reinvidicações poéticas pouco distantes das que primeiro motivaram o seu trabalho em meados nos anos 60. O percurso coeso e em contínua renovação das novas exposições individuais que mostrava valeu-lhe o prémio da crítica portuguesa AICA/SEC (Associação Internacional de Críticos de Arte / Secretaria de Estado da Cultura) em **1991**, e a Fundação de Serralves no Porto dedicou-lhe a sua primeira exposição antológica em **1998**. **Entre 2010 e 2011**, o CAM - Centro de Arte Moderna Gulbenkian, em colaboração com o Museu Carlos Machado de Ponta Delgada, apresentou a maior retrospectiva na carreira desta artista plástica.

A sua obra tem sido exposta em contexto nacional e internacional, destacando-se a exposição antológica no Centro de Arte Graça Morais em Bragança, em **2017** e a retrospectiva que lhe dedicou o Museu Es Baluard, em Espanha, em **2020**.

Faleceu em Lisboa, em **2016**.

Ana Vieira

Sem título, 1996 · Serigrafia Prova de Artista VIII/X, 42 x 52 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Sem título, 1996 • Serigrafia Prova de Artista VIII/X, 42 x 52 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1996 • Serigrafia Prova de Atelier PA X/X, 42 x 52 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1973 • Serigrafia sobre papel 190/200, 33 x 38 cm • Piso 0

Sem título, 1973 • Serigrafia sobre papel, numerada 189/200, 33 x 38 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1973 • Serigrafia sobre papel 20/200, 31 x 44,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Mesa posta, 1973 • Serigrafia 62/200, 31 x 44 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, s.d. • Serigrafia Prova de Artista VI/XX, 31 x 44,5 cm • Piso 0

As bailarinas, 2014 • Serigrafia 14/25, 23 x 71,5 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1963/2007 • Serigrafia sobre papel, 45 x 38 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1963/2007 • Serigrafia sobre papel Prova de Artista II/X, 45 x 38 cm • Piso 4

VIEIRA TOMAZ BORBA

PINTURA & ESCRITA

*O pintor e pensador que faz da tela
um diálogo entre a arte e a educação*

*Os nomes e histórias por trás
do acervo artístico do Nine Dots*



TOMAZ BORBA VIEIRA

N. 1938

Tomaz Borba Vieira, natural de Ponta Delgada, nasceu em 1938. É professor, pintor, escritor e dinamizador cultural. Estudou pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa; Arte Mural na Academia de Belas Artes de Florença; Pedagogia na Universidade de Lisboa e Ciências da Educação na Universidade de Boston.

A sua obra pictórica está representada no Museu Regional Carlos Machado, em Ponta Delgada.

Recebeu a Medalha de Mérito Municipal da Câmara Municipal de Lagoa, o Diploma de Mérito Municipal da Câmara Municipal de Ponta Delgada e a Insígnia Autónómica de Reconhecimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Para além de pintor, mantém colaboração em diversas revistas e jornais, tendo publicado dois livros de contos e uma novela.

A 5 de Outubro de 2011, foi inaugurada a Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira, que recebeu esta designação em reconhecimento ao que é considerado um dos mais conceituados nomes da arte contemporânea nos Açores e que tem impulsionado grandemente a cultura no concelho. Generoso e desprendido, doou os seus cerca de três mil livros ao município da Lagoa.





Tomaz Borba Vieira

Sem título, 1998 • Serigrafia sobre papel, Edição n.º 50/50, 18,5 x 13 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



Tomaz Borba Vieira

Sem título, 1998 • Serigrafia sobre papel, Edição n.º 50/50, 18,5 x 13 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel





A sua vida, os seus interesses e o seu percurso são preenchidos pintando, lendo, ensinando e escrevendo maravilhosamente. De tudo e todos, retirou o essencial. Pelos seus dotes, pelo seu talento e pela sua riqueza intelectual, há muito tempo que está representado nos museus. Pelo que pintou, pelo que pensou e pelo que escreveu.

Carlos Falcão Afonso

Manuel da Costa Cabral, pintor e colega de Tomaz Borba Vieira, referiu: «De todos nós, o Tomaz é o único que irá figurar num museu». De todos eles se distinguiu por não se enredar em modas. Não se vendeu a outros interesses «comerciais» que não os seus ideais, as suas preocupações e os seus objetivos.

Para Tomaz Borba Vieira, a pintura «não é a mera reprodução de “objetos estéreis” que se destinam a enfeitar espaços ou para decorar apartamentos». É uma interpretação intelectual e emocional, mais ou menos elaborada, do modo como o artista vê, sente e transmite quer a própria natureza, quer objetos ou sentimentos. É uma janela aberta para dois mundos. O exterior, objetivo e palpável e o interior, subjetivo e interpretado emocionalmente pelo artista. É esta interpretação, aliada ao apuro técnico, que define aquilo que se chama a sua personalidade e o torna distinto e inconfundível.





Tomaz Borba Vieira

Segundo Kafka II, 1967 • Tinta da china sobre papel, 38 x 77 cm

📍 Parte da coleção exposta nos Quartos, NINE DOTS Azorean Art Boutique Hotel



OBRAS

EXPOSTAS NO NINE DOTS AZOREAN ART BOUTIQUE HOTEL

Segundo Kafka II, 1967 • Tinta da china sobre papel,
38 x 77 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1998 • Serigrafia sobre papel, Edição n.º 50/50,
18,5 x 13 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1998 • Serigrafia sobre papel, Edição n.º 50/50,
18,5 x 13 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos

Sem título, 1965 • Litografia sobre papel, Edição n.º 46/150,
35 x 27 cm • Parte da coleção exposta nos Quartos



Experiência Imersiva

Para que possa desfrutar plenamente desta coleção, criámos uma Visita Virtual exclusiva.

Através do nosso itinerário digital, pode explorar as obras presentes em cada piso e descobrir as histórias por trás de cada artista.

**IR PARA
VISITA
VIRTUAL**



**NINE
DOTS**

**AZOREAN ART
BOUTIQUE HOTEL**

NINEDOTSAZORES.COM

info@ninedotsazores.com • (+351) 296 242 579
Rua dos Mercadores, 76, 9500-092 Ponta Delgada